

## Uma ética que contemple a parte maldita

O título, com ressonâncias a Bataille, é tomado exclusivamente em termos metafóricos, aludindo à tentativa de pensar uma ética do humano que contemple o maldito que o constitui. Resgatamos quando afirma que o ódio ao judeu, como inimigo que o fascismo tentará eliminar como *“solução final”*, *“não poderia ser explicado exclusivamente por motivos econômicos, políticos ou religiosos”*, mas aponta para *“a própria estrutura psicológica”* como fundamento.

O fato de Freud ter publicado "O mal-estar na cultura" em 1930, acrescentando o último parágrafo em 1931<sup>1</sup>, quando a ameaça do nazismo já era notória, torna impossível evitar essa referência.

Ele imaginou como inevitável o interrogatório sobre esse lado escuro da alma.

Em 1915<sup>2</sup>, quando a Primeira Guerra Mundial foi declarada, ele expressou sua decepção com a suposição de que havia sido superado que *“estrangeiro”* e *“inimigo”* poderiam ser fundidos em um único conceito.

Cito, *“A guerra não é eliminável”, “enquanto as diferenças entre as condições de existência dos povos e a aversão entre eles continuarem a ser tão grandes, as guerras continuarão a fazer-se à força”*.

Longe de limitar sua pesquisa a uma investigação sociológica, a análise se desvia para *“o que a guerra faz conosco”*. Somos surpreendidos por sua advertência, *...“não deveríamos nos voltar para desafiar a verdade?...não seria melhor oferecer à morte seu lugar de direito na realidade e em nossos pensamentos e revelar um pouco mais nossa relação inconsciente com a morte, até então tão cuidadosamente reprimida?”*

---

<sup>1</sup> Freud, S. "O mal-estar na cultura" (1930), Obras Completas, Vol. XXI, , Amorrortu, Bs. As., p. 140. *“Aqui, a meu ver, está a questão decisiva para o destino da espécie humana: se o seu desenvolvimento cultural conseguirá, e em que medida, dominar a perturbação da convivência que vem do instinto humano de agressão e de auto-aniquilação. Nossa época talvez mereça um interesse particular justamente por isso. Hoje, os seres humanos assumiram tanto o controle das forças da natureza que, com a ajuda delas, será fácil para eles se exterminarem, até o último homem. Eles sabem; daí boa parte da inquietação contemporânea, de sua infelicidade, de seu humor angustiado. E agora é de se esperar que o outro dos dois “poderes celestiais”, o eterno Eros, se esforce para se firmar na luta contra seu inimigo igualmente imortal. Mas quem pode prever o resultado?”*

<sup>2</sup> Freud, S. "Da guerra e da morte." 1915. Edições Amorrortu. T XIV

Deveríamos nos voltar, parece, para algo a que viramos as costas.

Era necessário "O além do princípio do prazer" para lhe dar o seu lugar. Interpretamos que essa indicação feita em "De guerra y muerte" é uma antecipação do que ele iria conjeturar em sua conversa com Einstein, em 1932 <sup>3</sup>.

Ele resgata de seu interlocutor "*a ligação que ele faz entre direito e poder*" como ponto de partida para investigar o motivo da guerra. Pergunta: "*Estou autorizado a substituir a palavra poder por violência*"? Vincula o direito à violência, homologando a cultura à civilização como o lugar onde se joga o melhor que conseguimos e o pior que sofremos.

É necessário que especifiquemos alguns conceitos que consideramos essenciais para o nosso desenvolvimento.

1. A função paterna em Freud <sup>4</sup>, como nó lei-desejo ela precisa ser diferenciada de qualquer questão que identifique um papel familiar, ou da ideologia que se autodenomina patriarcal. O estabelecimento desse lugar, o do pai morto, um dos nomes da castração é a condição de possibilidade de estabelecer um laço social. O nó no pacto fraterno será de resignação e desconforto, também de pacificação.

Se estabelece uma dupla dimensão sintomática: uma ordem simbólica que enquadra o impossível para todos e a ordem imperativa da repetição do fracasso da operação.

2. Resgatamos a posição ateísta que ele mantém ao retornar à questão do mito em Moisés e na religião monoteísta. Ouça os silêncios, leia as lacunas, que fazem furo no texto. O credível não é homologado ao verdadeiro e as várias versões são interpretadas como posições fantasmáticas que dão consistência de ser ao sujeito e ao Outro.

---

<sup>3</sup> Freud S. Por que a guerra? 1932/33. E.A. TXXII

<sup>4</sup> Freud S. Referimo-nos ao desenvolvimento freudiano em Totem e tabu.

A consistência e o status de exceção concedidos em certas leituras nos convenceram de que não era óbvio lembrar uma citação de J. Lacan do Seminário XVII, "É a posição do pai real como Freud a articula, ou seja, como um impossível, o que faz com que o pai seja necessariamente imaginado como destituído"

Questiona-se sobre a instauração da ideia de Deus, sobre as formas de fazer consistir como Um o que não é e sobre o valor *“do delírio da verdade histórica que se impõe devendo ser acreditado como tal”*<sup>5</sup>

Da lógica proposta destacamos a per-versão neurótica de toda posição fantasmática e a dimensão ficcional de toda verdade que se constrói como realidade.

3 Ao se referir à “Psicologia das massas”, embora a análise comece pela perspectiva sociológica de Le Bon, ela se dirige ao mecanismo que produz o *“efeito de massa”* colocando em série o amor, a hipnose, a sugestão, o exército e a igreja. A questão decorre da assunção do grupo como causa para o efeito de alienação produzido pela identificação. A identificação com uma ideia sustentada no lugar do Ideal é suficiente para fazer massa consigo mesma.

O saber pode tornar-se um dos nomes do Outro. Aqui está um preocupante lado conservador e de resistência. Efeitos de singularidade e segregação aparecem como banda moebiana de uma mesma estrutura identificatória, na qual o ódio pode operar como suporte privilegiado.

Interpretamos que o que são impasses da estrutura, o que é irreduzível, não nos exime da responsabilidade de nos questionarmos sobre a posição subjetiva singular que se adota em relação a esse incurável.

4. Freud nos surpreende ao tratar essa questão em “Dostoiévski e o parricídio”. Ele conjectura sobre seu propósito patricida primitivo, a comédia da morte de seus ataques epilépticos pelos quais consegue satisfazer impulsos sádicos e masoquistas, sua atitude diante da autoridade do *“pequeno pai czar”* e diante da crença em Deus.

Risco que é uma histeria. O fato de toda a sua vida ter sido torturada entre a fé e o ateísmo o coloca na posição de um neurótico.

---

<sup>5</sup> Estamos nos referindo à metapsicologia freudiana que está na base da lógica proposta. Desenvolvemos o tema no texto “DEL OLVIDO AL DELIRIO” publicado na Conjectural N°52, abril de 2010.

No entanto, e aqui fica o acento que queremos destacar, que na luta pela vida, o sujeito renuncia à escolha da sua liberdade e se coloca “*ao lado dos seus carcereiros*”, que o “*tornaram reaccionário*”

Resgatamos a qualificação de "reacionário" para nomear a posição que dá consistência ao destino a um atributo da estrutura, no caso, a submissão. O destino será um dos nomes do pai.

Da lógica proposta, poderíamos deduzir que cobrir a lacuna do que é a identificação não cobre a falta do ser, consolidando o saber como campo da verdade, tornando contingência de destino, oferecer os locais de identificação para a efetiva realização, em agir, a partir da estrutura masoquista da fantasia, para deixar cair o saber e o poder no campo do Outro, sendo em última instância garantidor do sentido, não pode deixar de ser lido como uma posição reacionário.

5. Lembremos que Lacan previu que isso sempre poderia piorar e também antecipou os efeitos que já comprovamos, de que a promoção da imagem sustentando a crença em uma identidade possível, provocaria o surgimento do ódio racial.

6. Interessa-nos deter-nos no tratamento freudiano do irreduzível à identidade, do imensurável da diferença, daquilo que Lacan chama de não haver relação sexual e que não nos parece forçado a apontar que podemos ler o tabu da virgindade <sup>6</sup>.

Localize "*o horror básico das mulheres*" como uma condição que pode se tornar um tabu.

Acrescenta que “*seria sedutor ceder à ideia e derivá-la do narcisismo das pequenas diferenças*”. Ele propõe um caminho além disso.

É no encontro com a alteridade absoluta que podemos localizar o fundamento sobre o qual o tabu é construído. A partir daí, a cultura fetichiza, estigmatiza.

Seria arriscado serializar o tabu, a religião e a construção histórica como lugares privilegiados de leitura da tradução social da própria estrutura que constitui o sujeito?

---

<sup>6</sup> ) Freud, S. "O tabu da virgindade (Contribuições à psicologia do amor, III)" (1918), Obras Completas, Vol. XI, op. cit., pág. 194-195

O impossível de simbolizar, que é causa de angústia, deriva para o demoníaco, para o medo e para as cruzadas de purificação. É a operação neurótica que traduz o impossível como proibido e solda o outro na contingência como causa de privação.

Não é o único lugar onde o professor aponta essas duas dimensões que se articulam, mas que precisam ser diferenciadas: o desprazer do além do princípio do prazer enquadrado no desconforto do além.

Uma preocupação invade minha reflexão em relação ao discurso da época que proclama o que interpreto como uma recusa do impossível.<sup>7</sup>

O fundamentalismo da lógica do capitalismo encontra fora das instituições o terreno adequado para sustentar a ilusão de liberdade absoluta que leva a ignorar uma nova forma de escravidão: a religião de tudo é possível.

Em termos freudianos, poderíamos nos perguntar se estamos dispostos a dar suporte e dar voz aos delírios de verdade de nosso tempo que se impõem como tendo que ser acreditados como tal, ou se recuperamos, nos termos de Lacan, a função de intérpretes da discórdia das línguas <sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> ) Freud já havia afirmado, "o homem tornou-se uma espécie de deus-prótese". mal-estar na cultura. Edição Amorortu. TXXI. página 90

<sup>8</sup> Estamos nos referindo à frase de Jacques Lacan. Função e campo da palavra. Em Escritos 1. Editores do século XXI. 1972

"É melhor então que renuncie aquele que não consegue unir a subjetividade de seu tempo com seu horizonte. Ora, como poderia fazer de seu ser o eixo de tantas vidas que nada sabiam da dialética que o lança com essas vidas em um movimento simbólico? Que conhece bem a espiral para a qual o seu tempo o arrasta na obra continuada de Babel e que conhece o seu papel de intérprete na discórdia das línguas"

Desenvolvemos este tema no texto intitulado "Aspiração de in-diferença" apresentado no VII Congresso Internacional de Convergência, Psicanálise inserida na polis. Tucumán 2018.